

mala voadora x HOŠEK CONTEMPORARY

NATASCHA FRILOUD & GAËL EPINEY - INVISÍVEL

Inauguração: 5 de Novembro 2025, 18:00 - 21:00

Período da Exposição: 6 a 14 de Novembro 2025

Curadoria de Linda Toivio

Na praia, no parque, do outro lado da rua... inúmeras esculturas públicas encontram-se espalhadas pela cidade do Porto. Criadas em diferentes épocas, elas preservam vestígios do passado, lembrando eventos históricos ou exibindo elementos decorativos no espaço público. Enquanto que a poluição e condições externas vão alterando gradualmente a sua aparência, o tempo fá-las cair em esquecimento.

Apesar da glória pretendida, não há nada tão invisível neste mundo como um monumento, escreveu o autor filosófico austríaco Robert Musil na década de 1920. O autor afirmou que a partir do momento em que monumentos são criados para serem vistos e lembrados, eles tornar-se-ão, eventualmente, imperceptíveis enquanto pessoas passam por eles sem lhes prestar atenção. “Estão impregnados de algo que repele a atenção, fazendo com que o olhar deslize sobre eles, como gotas de água sobre um pano oleado, sem sequer parar por um momento.” No seu projeto colaborativo *Invisível*, os artistas suíços Natascha Frioud e Gaël Epiney questionam o porquê de certas esculturas serem esquecidas, desconsideradas e ignoradas, e se, de certa forma, poderiam voltar a ser reconhecidas.

Invisível revela a segunda fase do projeto iniciado no início deste ano. Dá continuidade a *Unsichtbar* (“invisível” em alemão), uma exposição apresentada em maio de 2025 na galeria Hošek Contemporary, em Berlim. Cada fase do projeto é específica de uma cidade, embora o conceito tenha sido concebido para ser transferido para qualquer ambiente urbano. A sua relevância local parte de uma pesquisa intensa de uma cidade e de um envolvimento profundo com ambientes habituais ou desconhecidos. As dez esculturas escolhidas para a exposição no Porto variam entre obras de arte públicas e monumentos, que se vão infiltrando na paisagem, ficando imersas em musgo ou até servindo de poleiro improvisado para pássaros. Ao procurar estas imponentes estruturas, escondidas a olho nu, os artistas reconhecem e dão um novo significado a elementos não óbvios. Depois do Porto, o projeto será desenvolvido e adaptado a outros locais.

Procurar monumentos em locais inesperados requer longos passeios, que permitem descobrir e experienciar uma área de novas formas, o que se acaba por relacionar com a teoria “*dérive*” de Guy Debord. Nesta teoria, o participante é encorajado a vaguear por um espaço urbano familiar numa viagem não planeada, observando e registando novas formas de ver ou interpretar o ambiente. De acordo com esta técnica lúdica, uma *dérive* é uma experiência útil numa sociedade capitalista dormente, onde a monotonia e a previsibilidade da vida quotidiana imperam.

Para *Invisível*, Frioud e Epiney começam por fotografar o cenário e os arredores das esculturas selecionadas no Porto. As fotos são impressas em toalhas de banho grandes, que são colocadas sobre a estátua correspondente. A toalha impressa esconde parcialmente a estátua, que camuflada parece desaparecer opticamente no espaço, sugerindo a sua inexistência. Na etapa seguinte do processo, os artistas fotografam as estátuas com as suas respectivas coberturas e essas imagens são novamente impressas em novas toalhas. Juntas, todas as impressões são instaladas em andaimes, ilustrando o desaparecimento e a recontextualização desses objetos esquecidos. Além disso, através do ato de tornar invisível, o projeto perturba a nossa percepção do ambiente.

A escolha de imprimir em toalhas de banho também é significativa, pois o material esponjoso funciona como um filtro entre a escultura e o fundo. Os artistas explicam como o seu processo transforma a natureza de um item tão mundano e acessível: “É um objeto do quotidiano sem importância, que qualquer pessoa pode facilmente substituir ou deitar fora. Depois de impressa e instalada numa escultura, a toalha muda o seu estatuto de objeto e torna-se num elemento central que modifica a cena urbana.”

Embora as esculturas públicas preservem a memória coletiva, elas também transmitem valores sociais: quais monumentos ou esculturas recordamos e por que razão foram erguidos? De quem são as memórias mantidas vivas, quais histórias merecem ser contadas? Tanto o tema como o escultor refletem a política da memória específica de uma época, determinando a exposição e a recordação, mas também o esquecimento de certos eventos e pessoas. A localização de uma escultura também é significativa, revelando diretamente como escolhemos honrar o tema. *Maria*, do escultor José Lamas, é uma homenagem recente às Carquejeiras, as escravas do Porto, que carregavam pesados fardos de carqueja (uma planta queimada em fornos industriais ou para necessidades domésticas) pelas colinas incrivelmente íngremes da cidade. A exploração do trabalho destas mulheres foi essencial para o funcionamento da sociedade até à primeira metade do século XX, mas foram necessários anos de dedicação e persuasão para obter a autorização para a construção desta escultura. Desde 2020, encontra-se localizada nas Fontainhas, entre uma ponte e um parque de estacionamento, longe das multidões e da glória.

Apesar das diferenças encontradas durante as fases de pesquisa e fotografia do projeto na Alemanha e em Portugal, Frioud e Epiney observaram frequentemente o propósito esquecido que muitas esculturas têm em comum. Embora fisicamente presentes, a perda da sua função e significado pretendidos transforma-as em quase não-lugares, vazios de interação, identidade e experiência. *Invisível* está atento ao que passa despercebido; ao desconstruir o processo de tornar-se invisível, restaura o valor a estas silhuetas negligenciadas da paisagem urbana.

Text © Linda Toivio

Traduzido por Patrícia Sampaio